

ASCENSÃO E DECLÍNIO DE NGUNGUNHANE EM UALALAPI (1987) DE UNGULANI BA KA KHOSA

Claudio Silva Peixoto¹
José Carlos Siqueira de Souza²

RESUMO

O artigo tem como objetivo discorrer sobre a ascensão e declínio de Ngungunhane (1850-1906), o último imperador das terras de Gaza, atual região de Moçambique, que reinou no período de 1884 a 1895. Ungulani Ba Ka Khosa, na obra *Ualalapi* tendo sua primeira publicação em 1987, apresenta o início do reinado Nguni (1884), já conturbado pela usurpação ao trono, bem como os desfechos finais de seu aprisionamento pelos lusos (1895). Samora Machel (1933-1986), primeiro presidente de Moçambique após a conquista da independência (1975), liderou movimento de repatriamento dos restos mortais do régulo, o qual foi exilado nos Açores em 1896, permanecendo até o dia de sua morte, que ocorreu em 1906. O retorno dos restos mortais do ex-imperador, tinha como intuito construir e fortalecer uma identidade nacional, considerando o mesmo como um ícone da resistência contra as forças portuguesas, sendo Ngungunhane a força motriz capaz de engrenar essa identidade. Em *Ualalapi*, Ba Ka Khosa vai desmistificar a imagem de um bom líder criada em torno de Ngungunhane. Fazem parte do suporte teórico deste artigo as obras *Representações históricas e orais de Ngungunhane* (ROCHA, 2013), *Filho do rei de Portugal? considerações sobre o conflito e a prisão de Gungunhana* (SANTOS, 2011), *Poéticas do pós-modernismo* (HUTCHEON, 1991), *O herói* (KOTHE, 2000) e *Em louvor de anti-heróis* (BROMBERT, 2004).

Palavras-chave: Literatura moçambicana. Ualalapi. Representações históricas e orais. Conflitos e prisão de Gungunhana. Metaficção historiográfica. Teorias do herói e do anti-herói.

ABSTRACT

The article aims to discuss the rise and decline of Ngungunhane (1850-1906), the last emperor of the lands of Gaza, current region of Mozambique, who reigned from 1884 to 1895. Ungulani Ba Ka Khosa, in the work *Ualalapi* having its first publication in 1987, presents the beginning of the Nguni reign (1884), already troubled by the usurpation of the throne, as well as the final outcomes of his imprisonment by the Portuguese (1895). Samora Machel (1933-1986), the first president of Mozambique after the conquest of independence (1975), led a movement to repatriate the mortal remains of the régulo, who was exiled to the Azores in 1896, remaining until the day of his death, which occurred in 1906. The return of the ex-emperor's remains was intended to build and strengthen a national identity, considering him an icon of resistance against Portuguese forces, with Ngungunhane being the driving force capable of gearing this identity. In *Ualalapi*, Ba Ka Khosa will demystify the image of a good leader created around Ngungunhane. Are part of the theoretical support of this article the works *Historical and oral representations of Ngungunhane* (ROCHA, 2013), *Filho do rei de Portugal? considerations about the conflict and the imprisonment of Gungunhana* (SANTOS, 2011), *Poetics of postmodernism* (HUTCHEON, 1991), *The hero* (KOTHE, 2000) and *In praise of anti-heroes* (BROMBERT, 2004).

Keywords: Mozambican literature. Ualalapi. Historical and oral representations. Gungunhana's Conflicts and Prison. Historiographic metafiction. Hero and anti-hero theories

¹ Discente do Curso de Especialização Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Línguas Portuguesas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

² Orientador. Pós-doutoramento em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da USP e Professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Ceará (UFC). Data de submissão e aprovação: 01/02/2022.

1- INTRODUÇÃO

Publicada inicialmente em 1987, a obra literária *Ualalapi*, de autoria do moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa, se tornou uma das principais referências para estudos e pesquisas acerca do último imperador das terras de Gaza. A ascensão e o declínio de Ngungunhane fazem parte do enredo ficcional da referida obra, mesclando ainda elementos históricos e orais em uma perspectiva de desconstruir o mito de herói nacional implantado em 1983 pelo governo de Samora Machel (1933-1986) com o intuito de criar uma identidade nacional, utilizando a figura de Ngungunhane como um líder que lutou contra as forças portuguesas nos tempos da colonização em seu reinado (1884-1895).

Ngungunhane pertencia aos povos zulus, dinastia dos nguni, do sul da África. Seus ancestrais invadiram o sul de Moçambique e dominaram a região, agindo de forma violenta para com diversas etnias como, por exemplo, os tsongas, os chopes, os vandaus e os bitongas. (Cf. ROCHA, 2013, p. 18).

Ungulani, em *Ualalapi*, vai dimensionar sobre o régulo nguni e suas ações nefastas, às quais, durante seu reinado, causaram mortes e sofrimentos. Desde a ascensão ao trono, em 1884, com a morte de seu pai Muzila, Ngungunhane mostrou suas verdadeiras intenções sedentas de poder e mando.

Assim como seu pai Muzila, Ngungunhane havia se comprometido em tratados de vassalagem, em que teve ajuda de Portugal, para se fixar no poder e manter seus impérios na região de Gaza. Muzila (em 1861) e Ngungunhane (em 1885) prometeram certas condições, firmando alianças com a coroa portuguesa. O tratado de vassalagem era um acordo em que ambas as partes deviam cumprir certas exigências, concedendo os domínios e autoridade suprema de Gaza a Portugal, cabendo a Ngungunhane obediência à coroa portuguesa. Contudo, antes de ser um vassalo de Portugal, o imperador era um soberano de Gaza (Ver SANTOS, 2011, p. 12-13).

Para a manutenção do poder em Gaza, havia relações políticas e econômicas com a coroa portuguesa. Entretanto, Ngungunhane mostrava sua força em manter relações comerciais ao mesmo tempo com a Inglaterra, gerando, por conseguinte, insatisfação dos lusos. Devido a isso, por intermédio do oficial de

cavalaria Joaquim Augusto Mouzinho de Albuquerque, Ngungunhane foi aprisionado em 1895 em Chaimite, aldeia sagrada do povo nguni.

Quando o rei dos nguni assumiu ao trono em 1884, manteve uma postura carregada de autoritarismo. Sobre isso, Khosa acentua a seguinte afirmação por parte do régulo: “O medo e o terror ao meu império correrão séculos e séculos e ouvir-se-ão em terras por vocês nunca sonhadas” (KHOSA, 2013, p. 25-26).

Um vasto império e a incerteza de se manter no poder sempre foi algo temido por Ngungunhane. Temia mais ainda ser humilhado nos dias últimos de seu reinado, o que ocorreu quando Mouzinho Albuquerque exigiu ao imperador destronado que sentasse ao chão sujo como forma de submissão.

A obra *Ualalapi* está composta por 125 páginas, distribuídas em nota do autor; fragmento do fim (1) Ualalapi; fragmento do fim (2) A morte de Mputa; Fragmento do fim (3) Damboia; fragmento do fim (4) O cerco ou fragmento de um cerco; fragmento do fim (5) O diário de Manua e fragmento do fim (6) o último discurso de Ngungunhane.

O artigo está embasado principalmente nos seguintes estudos e pesquisas: *Representações históricas e orais de Ngungunhane* (ROCHA, 2013), *Filho do rei de Portugal? considerações sobre o conflito e a prisão de Gungunhana* (SANTOS, 2011), *Poéticas do pós-modernismo* (HUTCHEON, 1991), *O herói* (KOTHE, 2000) e *Em louvor de anti-heróis* (BROMBERT, 2004).

2- REVISÃO DE LITERATURA

A ascensão e o declínio do último Imperador de Gaza constituem o tema central da obra moçambicana *Ualalapi* objeto desta pesquisa. Ungulani Ba Ka Khosa, por meio da narrativa, desmistifica o imaginário da lenda mítica de Ngungunhane, que foi bastante explorada pelo governo Samora Machel em 1983.

Nguni para mostrar seu poder bem como intimidado por uma possível usurpação ao trono perseguiu seu irmão Mafemane e mandou os guerreiros do reino assassiná-lo. “O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até à minha morte”. (KHOSA, 2013, p. 25). Os ancestrais de nguni chegaram à região Sul de Moçambique e subjugaram vários povos /etnias em prol da fixação e permanência do poder imperial na região de Gaza: “Ngungunhane pertencia aos povos Zulus, dinastia dos nguni, do sul da África. Seus ancestrais invadiram o sul de

Moçambique e dominaram a região, agindo de forma violenta para com diversas etnias como, por exemplo, os tsongas, chopes, vandaus e bitongas.” (ROCHA, 2013, p. 18).

Rocha (2013), em *Representações históricas e orais de Ngungunhane em Ualalapi* (1987), contrapõe os aspectos da vida e reinado de nguni (1850-1906). Enfatiza ainda que o reinado do régulo teve características de muita violência (1884-1895). “Ungulani escreveu o romance para questionar a ideologia do governo da FRELIMO, que tentou unificar o país em torno da representação mítica do rei” (ROCHA, 2013, p. 17). Ainda de acordo com Rocha (2013) um romance literário como o (*Ualalapi*), poderá trazer reflexões sobre o processo de construção de uma figura mítica /herói organizado pelo governo de Samora Machel.

Ngungunhane se tornou de fato um personagem importantíssimo na história e memória do povo moçambicano, como alguém que se impôs aos domínios de Portugal na era colônia. Todavia existem contradições em relação a esses fatos. Em determinados momentos nguni aliou-se a Portugal para garantir sua hegemonia e soberania em Gaza. (ver pacto colonial de vassalagem 1885).

Santos (2011), em *Filho do rei de Portugal”?*, fomenta reflexões sobre as relações políticas, econômicas e comerciais de Ngungunhane com a coroa portuguesa, o que leva a pesquisadora a denominá-lo de “filho de Portugal” mediante a estreita relação que manteve com a metrópole.

Santos enfatiza sobre matéria publicada em fevereiro 2006 pela revista portuguesa Magazine. nº 03. A reportagem intitulava “*Senta-te!, A história secreta da ascensão e queda do imperador vátua*”. A revista elaborou nove páginas em que a reportagem de Sílvia Fernandes, detalhou sobre uma cerimônia realizada em 2005 – Lisboa, em que reuniram-se descendentes de Ngungunhane e de Mouzinho Albuquerque. “Segundo o texto da reportagem que segue e reproduz trechos do discurso pronunciado pelo orador na ocasião, a reconstituição histórica obedece em linhas gerais a um traçado no qual a existência de Gaza é incorporada à existência de Portugal, fundada na sua ação e dependente de sua ajuda”. (SANTOS, 2011, p. 1-2).

O romance *Ualalapi* mescla ficção e realidade com o objetivo de mostrar a verdadeira face de Ngungunhane. Nem diabólico, tampouco herói nacional e sim um régulo que participou ativamente de acordos políticos, sociais e econômicos com as

potências mundiais nos tempos da colonização em Moçambique (Portugal /Inglaterra).

Em *Poética do pós-modernismo, história, teoria e ficção no capítulo 7 - metaficção historiográfica "passatempo do tempo passado"* Hutcheon (1947) vai trazer uma série de apontamentos e elucidações acerca do real e imaginário. Elementos que se cruzam, contrapõem e ao mesmo tempo se completam em relação a uma produção literária de construção narrativa em que ficção e fatos históricos propiciam reflexões sobre mecanismos de poder e tidos como verdades absolutas.

Nos anos 80, havia uma história oficial em que os governantes comemoravam seus feitos. A partir de então passou-se a ser questionada no campo reflexivo esses feitos e verdades tidas como incontestáveis. No campo literário essas narrativas mais reflexivas passaram a ser chamadas de novo romance ou metaficção historiográfica. "A ficção pós-moderna sugeri que reescrever ou representar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos revela-lo ao presente , impedindo de ser conclusivo". (HUTCHEON, 1947, p. 147).

Na obra *O herói*, de Kothe (2000), vem trazer aspectos sobre o ser herói em suas várias configurações históricas e sociais. Mensura sobre os heróis em uma classificação "*alto e baixo*", sendo que alto é tido como elevado em um extrato social e o baixo como inferior socialmente.

O "alto" e o "baixo" da sociedade se operacionalizam e se entrecruzam de vários modos na literatura. Tendem a ecoar a natureza fazendo o alto aparecer como elevado e mostrando o baixo como inferior, mas isto corresponde à própria possibilidade de a classe dominante dominar ideologicamente a sociedade (KOTHE, 2000, p. 6).

O autor acima apresenta sobre os tipos de heróis representados pelas sociedades que os representam. Contudo em se tratar da obra *Ualalapi* é necessário perceber que o autor Ungulani, está trazendo uma narrativa de um ser que não representa um todo de Moçambique, uma figura heroica como apresentava Samora Machel, pois o mesmo tivera um reinado violento em que subjugou também várias etnias na busca e fortalecimento de um poder quase que absoluto. "Quando pretendem corporificar apenas qualidades positivas, tornam-se literariamente inferiores e não se pode achar que as qualidades do ser herói poderá representar toda uma nação (KOTHE, 2000, p. 55)

Na obra *Em louvor de anti-heróis* de Brombert (2004) enfatiza sobre as especificidades do que é ser um herói. Essas classificações foram criadas por sociedades dominantes, mas que ao longo dos tempos outras formas de heróis passaram a ter maior conotação. “O anti-herói está alicerçado em condições específicas em que os classifica como algo desprezível e sem bravura, tão pouco honrado. “Anti-herói é amiúde um agitador e um perturbador” (BROMBERT, 2004, p, 15). Ngungunhane poderia estar situado na categoria do anti-herói, pois seus atos os representava. Contudo é importante ressaltar que o rei nguni era um ser mortal com sentimentos diversos, falhas e defeitos.

3- METODOLOGIA

O presente artigo foi abordado por meio de pesquisa exploratória e qualitativa em que o embasamento se deu através de pesquisas bibliográficas em sites e meios físicos. Objetiva-se analisar a obra literária moçambicana *Ualalapi* (2013) de Ungulani Ba Ka Khosa, sem para tanto esgotar ou finalizar indagações e demais teorias acerca do reinado de Ngungunhane, o último imperador de Gaza.

A intencionalidade da pesquisa é poder relacionar as ações do reinado do nguni (1884-1895) em percepções outras (obras diversas) que se debruçam sobre o emblemático ex-imperador de Gaza. O eixo central da pesquisa é analisar a contraposição em *Ualalapi*, referente ao título de herói nacional conferido ao imperador Ngungunhane pelo presidente Samora Machel. Nguni representaria a todos os moçambicanos? De fato agiu em benefício de um povo ou em detrimento de seus próprios interesses?

Foram utilizadas fontes secundárias as quais fazem parte de debates e pesquisas em curso acerca da vida de Ngungunhane. As Principais fontes que embasam esta pesquisa: *Ualalapi* (2013) de Ungilani Ba Ka Khosa; *Representações históricas e orais de Ngungunhane em Ualalapi* (2013) Denise Rocha; *O “filho do rei de Portugal” considerações sobre o conflito e a prisão de Gungunhana* (2011) Gabriela Aparecida dos Santos; *Metaficção historiográfica* (1991) Linda Hutcheon; *O herói* (2000) Flávio R. Kothe e *em louvor do anti-herói* (2004) Victor Brombert.

4- NGUGUNHANE, DISPUTA AO PODER DE GAZA E ASCENSÃO AO TRONO

Ngungunhane reinou nas terras de Gaza (atual província de Moçambique) situada ao sul do país. Um reinado conturbado e conflituoso o qual durou 11 anos (1884-1895). Disputas de poder e querelas foram algo que se tornou frequente na linhagem de Ngungunhane. Seu pai Muzila, disputou o trono com o tio Mawewe, gerando a partir de 1858 conflitos e guerras entre os irmãos em função do reino de Gaza.

As disputas de poder ao trono era algo recorrente em famílias imperiais naqueles tempos:

A morte de Manicusse, em 1858, deu início a um período de guerra em que Muzila disputou o poder com o irmão e foi “graças ao poio dos portugueses nomeadamente ao arsenal oferecido que conseguiu subir ao trono” Efetivamente, entre Mawewe que assumiu o poder, associado ao direito consuetudinário zulu (grupo etnocultural ao qual pertencia a sua mãe e que previa a passagem do poder ao filho da mulher para cujo casamento todo o povo havia contribuído e Muzila filho mais velho da primeira mulher que, segundo o direito tsonga ao qual estava filiado a sua mãe, era o herdeiro legítimo.(SANTOS, 2011, p. 10-11).

Em 1861 o governo português, passou a apoiar Muzila (pai de Ngungunhane) firmando acordos com Portugal e formalização do tratado de vassalagem em que os portugueses passavam a ter acesso total as terras de Gaza bem como cobranças de impostos voltados para o rei de Portugal e criações de bases militares. Muzila recebeu o título de régulo, chefe maior de Gaza, sob os domínios e comando de Portugal. (SANTOS, 2011, p.10).

Ngugunhane realizou a mesma trajetória de sucessão ao trono sob ajuda e tutela de Portugal. Quando seu pai Muzila morreu em 1884, Mudungazi perseguiu e mandou assassinar seu meio irmão (*Mafemane*) que para ele poderia ser um obstáculo ao trono. Nguni se auto - intitulou-se rei de gaza e passou a ser Ngungunhane, assumindo também tratado de vassalagem (1885) com Portugal em que a coroa portuguesa passava a ter domínios plenos em Gaza e o régulo passaria a ser vassalo ao reino de Portugal.

O meu irmão Mafemane, prosseguiu, vive a uns quinze quilómetros daqui. Consta-me que se prepara para partir a fim de abrir a sepultura do meu pai. A história não deve repetir-se. O poder pertence-me. Ninguém, mas ninguém poderá tirar-mo até à minha morte. Os espíritos poisaram em mim e acompanham-me, guiando as minhas ações lúcidas e precisas. E não irei permitir que haja a mesma carnificina como no tempo de entronização de Muzila, porque irei atuar já. Os homens que não me conhecem, conhecer-me-ão. Não vou partilhar ao poder. (KHOSA, 2013, p. 25).

Ngungunhane, sem dúvida foi uma figura emblemática nas terras de Gaza. Seu temperamento forte e sede de poder reinava perante aos seus subordinados, massacrando também aos que se colocavam em seu caminho. Testemunhas oculares dialogaram sobre Ngungunhane. Ayres d'Ornellas, militar (1866-1930) que esteve presente na corte do rei e de George Liengme (1859-1936) ao qual viveu na aldeia real e falava a língua nguni (ROCHA, 2013, p.24).

“Entre estes vinha o Ngungunhane que conheci logo, apesar de nunca lhe ter visto retrato algum; era evidentemente o chefe de uma grande raça... É um homem alto... e sem ter as magníficas feições que tenho notado em tantos seus, tem-nas, sem dúvida, belas testa, olhos castanhos e inteligentes e um certo ar de grandeza e superioridade...” Ayres d'Ornellas.

“Era um ébrio inveterado. Após qualquer das numerosas orgias a que se entregava, era medonho de ver com os olhos vermelhos, face temefacta, a expressão bestial que se tornava diabólica, horrenda, quando nesses momentos se encolerizava...” Dr. Liengme.

“Só direi que admirei o homem, discutindo durante tanto tempo com uma argumentação lúcida e lógica...” Ayres d'Ornellas.

“... mas toda a sua política era de tal modo falsa, absurda, cheia de duplicidade, que se tornava difícil conhecer os seus verdadeiros sentimentos.”. Dr. Liengme. (KHOSA, 2013, p.11).

Ngungunhane foi retratado por Ayres d'Ornellas de maneira respeitosa, elevando suas qualidades físicas e intelectuais. No entanto, Dr. Liengme fez críticas severas e o colocou em uma condição desprezível.

Em *Ualalapi* o autor constrói sua narrativa desmistificando a visão mítica de régulo intitulada por Samora Machel como herói nacional. São vários os elementos que os classifica como um Ngungunhane déspota, incapaz de prover a paz ao seu próprio povo.

5 - O GOVERNO DE NGUNGUNAHHE E O SEU DECLÍNIO (1884-1985)

Em 1884 Ngungunhane adquiria poder supremo se tornando rei de Gaza. No entanto havia forças externas que minavam esse poder. Portugal detinha poderes na região em decorrência da partilha da África a qual foi sacramentada na conferência de Berlim (1884-1885). Em *Ualalapi* o autor narra uns dos primeiros discursos do rei em que falava para seus chefes guerreiros sobre a chegada de seus ancestrais na região e de como os nguni trouxeram mudanças para o povo de Gaza, firmando-se ainda mais como soberano supremo.

Há muitas e muitas colheitas que aqui chegamos com as nossas lanças embebidas em sangue e os nossos escudos fartos de nos resguardarem. Ganhamos batalhas. Abrimos caminhos. Semeamos milho em terras sáfaras. Trouxemos a chuva para estas terras e educamos gente brutalizada pelos costumes mais primários, e hoje essa gente está entre vocês, Nguni. Esse império sem medida ergueu-o o meu avô depois de batalhas incontáveis em que sempre triunfou. (KHOSA, 2013, p. 24).

As batalhas e vitórias incontáveis dos ancestrais de Ngungunhane procederam desde a chegada e invasão dos nguni ao sul de Moçambique, subjugando de maneira violenta algumas etnias, como por exemplo, os Tsongas, chopos, vandaus e bitongas.

Em 1885 nguni manda representantes de seu governo para Portugal. Queria firmar compromissos e acordos com a coroa portuguesa. Surge então o ato de vassalagem em que Ngungunhane aliava-se a Portugal. Esse ato político e comercial foi desfeito posteriormente pelo régulo. (ROCHA, 2013, p.20).

Ngungunhane era astuto e visava vários interesses. Ao mesmo tempo em que fazia acordos políticos e comerciais com Portugal, mantinha relações estreitas com a Grã-Bretanha. A região de Gaza despertava interesses devido aos recursos minerais, produtos agrícolas e regiões geográficas estratégicas as rotas comerciais marítimas.

O território do régulo nguni interessava a Grã-Bretanha por dois motivos: primeiro por causa da descoberta de diamantes (1866), em Kimberley, na república boer do Transvaal (União Sul Africana), que eram transportados até o porto moçambicano de Lourenço Marques e, segundo, devido ao interesse da coroa inglesa em unificar o Cairo, no Egito, à Colônia do Cabo, na África do Sul, ocupando Moçambique (CABAÇO, apud ROCHA, 2013, p. 20).

O maior beneficiado com a presença estrangeira era a do régulo de Gaza, pois adquiria regalias na medida em que utilizava de seu poder para se fazer imponente perante aos seus. In loco, ele tinha que manter seu território contra os inimigos, principalmente os da etnia chopes rivais inimigos dos ngunis.

Os Britânicos fixavam-se na região de Gaza e fortaleciam seus interesses com o apoio de Ngungunhane. Em 1890 lançou *Ultimatum* a Portugal para que as forças portuguesas deixassem a região.

No ano de 1890, foi iniciado um projeto de expansão pela British South African Company (BSAC), de Cecil Rhodes, e Ngungunhane colaborou, outorgando a ela uma concessão mineira e o acesso ao mar, mediante pagamento de uma taxa anual e o envio de 1000 espingardas e 20.000 cartuchos. (SANTOS, apud ROCHA, 2013, p. 20).

As relações estreitas entre os britânicos e Ngungunhane , afetou de maneira frenética a coroa portuguesa, que considerou o régulo um traidor. Antes Vassalo de Portugal pelo tratado de vassalagem (1885), com a aliança aos inimigos britânicos se tornara também opositor de Portugal. Em 1895 Mouzinho de Albuquerque, oficial de cavalaria das tropas portuguesas, foi nomeado governador de Gaza e a incumbência de capturar Ngungunhane que havia fugido para não ser preso pelas forças portuguesas.

Mouzinho de Albuquerque encontrava-se em um dos pontos fortificados ao longo do Limpopo, recebeu notícia de que o régulo estava na aldeia sagrada de seus ancestrais. Chaimite era um local sagrado para nguni, lá estavam sepultados os grandes reis de Gaza (Manukusse e Muzila).

Em 28 de dezembro de 1895 o oficial que capturou o grande rei de Gaza chegou a Chaimite.

Quando vi sair de lá o Régulo Vatua que os tenentes Miranda e Couto reconheceram logo por o terem visto mais de uma vez em Manjacase. Não se pode fazer ideia da arrogância com que respondeu às primeiras perguntas que lhe fiz. Mande-i-lhe prender as mãos atrás das costas por um dos dois soldados pretos e disse-lhes que se sentasse. Perguntou-me onde, e como eu lhe apontasse para o chão, respondeu-me muito altivo que estava sujo. Obriguei-o, então, à força a sentar-se no chão (coisa que ele nunca fazia), dizendo-lhe que ele já não era Régulo dos Mangonis, mas um matonga como qualquer outro. (KHOSA, 2013, p. 69).

Chegava ao fim 11 anos de reinado. Em nota do autor KHOSA, vai revelar que Ngungunhane de fato assumiu um vasto império em Gaza e que o mesmo ficou de certa forma frustrado, por saber antes de morrer que em sua língua não havia palavra para designá-lo de fato como imperador. De certo, o afetou profundamente, sobretudo nos últimos dias no exílio em Portugal.

Ngungunhane juntamente com o filho herdeiro Godide, seu tio Molungo, sete esposas reais, Zixaxa e o régulo Matibejana e suas três esposas foram considerados traidores da coroa portuguesa.

Em *Ualalapi* fragmentos do fim (6) Ngungunhane, realiza um discurso profético para os portugueses que ali estavam bem como para o seu povo. Os chamou de ingratos traidores e impropérios de toda sorte foram lançadas aos que ouviam inertes diante do então destronado nguni.

Os prisioneiros (Ngungunhane, Godide, seu tio Moungo e o régulo Zinaxixe) seguiram viagem e foram exilados na ilha terceira de açores. Em 23 de dezembro de 1906 Ngungunhane foi afetado por uma hemorragia cerebral e faleceu em decorrência da mesma. Nos anos em que esteve no exílio foi batizado com o nome cristão de Reinaldo Frederico Ngungunhana. Aprendeu a ler e a escrever. Nas horas intermináveis na prisão dedicou-se ao artesanato e aprendeu a fazer cestas trançadas.

6- METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA (HUTCHEON) PERSPECTIVA DA TEORIA DO HERÓI (KOTHE) E DO ANTI-HERÓI (BROMBERT)

Linda Hutcheon é Professora emérita do departamento de Inglês e do Centro de Literatura Comparada da Universidade de Toronto, enfatiza na obra *poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção* que existia no passado um discurso pronto e acabado em que as narrativas eram tidas como verdades absolutas. A partir dos anos 80 anos essas narrativas passaram a ser contestadas no aspecto reflexivo sendo classificadas como metadiscursivo ou metaficção historiográfica.

O centro já não é totalmente válido. E, a partir da perspectiva descentralizada, o "marginal" e aquilo que vou chamar (Capítulo 4) de "ex-cêntrico" (seja em termos de classe, raça, gênero, orientação sexual ou etnia) assumem uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monólito homogêneo (isto é, masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental) que podemos ter presumido. O conceito de não-

identidade alienada (que se baseia nas oposições binárias que camuflam as hierarquias) dá lugar, conforme já disse, ao conceito de diferenças, ou seja, à afirmação não da uniformidade centralizada, mas da comunidade descentralizada mais um paradoxo pós-moderno. (HUTCHEON, 1991, p. 29).

Na obra literária *Ualalapi* o autor utiliza de narrativas ficcionais mesclando fatos históricos reais sobre o reinado de Ngungunhane (1884-1895) em uma tentativa de revelar de fato sobre as ações nefastas do último imperador de Gaza, desmistificando o título de herói criado por Samora Machel em detrimento a uma unidade histórica moçambicana difundindo os feitos heroicos do ex-imperador contra os lusos na colonização, sendo que o mesmo era de certa forma um déspota para com o próprio povo de Gaza /Moçambicano.

Conforme Hutcheon São as aplicações explicativas e narrativas que a historiografia dar aos acontecimentos passados que constroem aquilo que consideramos como fatos históricos (HUTCHEON, 1991, p.126).

Em nota do AUTOR, a obra *Ualalapi* é bem enfática em dizer que é uma verdade irrefutável que Ngungunhane havia sido imperador das terras de Gaza na fase final do império (KHOSA, 2013, p.9). No entanto existem outras percepções e conjecturas em relação à vida do nguni, as quais foram encobertas e negligenciadas pelo então presidente (Samora Machel). Seria uma tentativa de criar uma figura mítica dotada de valores heroicos? Como um salvador nacional moçambicano contra os domínios lusitanos? De fato Ngungunhane não haveria causado atrocidades diversas aos próprios moçambicanos? Os fatos históricos não deveriam mencionar as relações de companheirismo, acordos econômicos e políticos entre as duas forças de poder (Portugal e Gaza)?

A metaficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir entre o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão na historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação, e é a partir dessa identidade que as duas obtêm sua principal pretensão à verdade (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Tanto os fatos históricos elaborados por meio de documentos escritos tidos como verídicos bem como das narrativas ficcionais podem apresentar elementos denunciativos. Juntas podem construir bases para um melhor entendimento acerca

de determinados períodos históricos. *Ualalapi* é um dos romances que remontam essas prerrogativas investigativas e de denúncia.

Kothe (2000) em *O herói* vai dimensionar sobre as várias especificidades e dimensões acerca do ser herói. A figura mítica heroica vai depender de cada sociedade, tempo e espaço em que ela está situada. Várias sociedades utilizaram da imagem de pessoas e ícones, dotados de atos de bravura para criar uma unidade forte de pertencimento.

Em 25 de junho de 1975, Moçambique conquistou sua independência, estando à frente como o primeiro presidente Samora Machel que realizou a leitura da carta de Independência no estádio da Manchava (MEMÓRIA, 2016, *on-line*).

Em 1983 Samora Machel (1933-1986) iniciou ações para criar em torno do ex-imperador de Gaza a figura mítica de herói nacional que lutou contra as forças coloniais portuguesas em seu último reinado. Em uma visita diplomática a Portugal, Samora, discutiu sobre o repatriamento dos restos mortais do régulo.

Nesta ocasião, solicitou ao presidente português Rodrigo Eanes que os restos mortais de Ngungunhane, de seu filho herdeiro Godide, de seu tio Malungo e do régulo Zinaxixe pudessem ser trasladados dos Açores para Maputo. A urna funerária contendo o solo em que o corpo do soberano havia sido enterrado desembarca, trazida de avião, na capital moçambicana em 15 de junho de 1985. (RAJÃO, 2018, p. 2.806).

Moçambique idealizava uma unidade nacional representativa forte para fortalecer sua história nacional, por isso criou a figura mítica de Ngungunhane como um herói nacional, esquecendo-se das atrocidades cometidas pelo mesmo em tempos passados. Seria Nguni o único ao posto de representatividade nacional? Não haveria outros que lutaram contra a colonização portuguesa com qualidades condizentes ao que se estava proposto?. Em relação aos heróis nacionais, Kothe afirma que: “Há personagens da história de um povo que personificam a “alma” desse povo segundo a ideologia que num certo momento seja a dominante” (KOTHE, 2000, p. 55)”.

“Quando pretendem corporificar apenas qualidades positivas, tornam-se literariamente inferiores e não se pode achar que as qualidades do ser herói poderá representar toda uma nação” (KOTHE, 2000, p.55)

Pensar na região de Gaza, no país moçambicano é ampliar os horizontes em que muitos resistiram bravamente e heroicamente dando a própria vida em prol

de uma independência e de liberdade nacional. Ngungunhane reuniria tais qualidades? Ou em determinados momentos utilizou de seu poder para subjugar aqueles que estavam sob sua proteção e cuidados? Não estaria incorrendo em um erro grave o governo de Samora Machel em proporcionar um título tão elevado a um tirano?

Em fragmentos do fim (2) em *Ualalapi* está descrito o ato em que o imperador diante de uma denuncia a um possível assédio do guerreiro leal Mputa contra a sua primeira esposa Inkonsikazi, resolveu agir de maneira fria e calculista. Ainda que o tio do soberano Molungo acreditasse na inocência do guerreiro por saber ter má conduta a esposa real, auxiliando o acusado em uma sentença mais branda que a morte e sim em passar pela pena de lhe cegar os olhos como castigo. Ainda que o próprio Mputa pedisse para usar o ritual sagrado do mondzo (espécie de erva venenosa em que os inocentes ao ingeri-la, não sofriam quaisquer danos, mas os culpados morreriam imediatamente pela força do veneno). Mputa passou horas e nada sentiu por está com sua consciência tranquila. No entanto Ngungunhana mostrando sua força e poder negou qualquer indício de inocência e deferiu o veredito final.

É feiticeiro, disse o rei com uma força jamais ouvida. E os feiticeiros não têm lugar no meu reino. Não o cegarei como queriam que o fizesse, pois os feiticeiros agem na bruma da noite. Matá-lo-ei hoje e agora! E virou-se para os guardas que empurraram Mputa para o lío da multidão. (KHOSA, 2013, p. 46-47).

Khosa enfatiza nessa passagem que o nguni era alguém que desrespeitava profundamente o outro e, sobretudo aqueles que estavam sob seus cuidados. Como chefe de uma grande nação deveria protegê-los e não submetê-los a tais condenações em detrimento de satisfação pessoal. Na obra *Em louvor de anti-heróis* de Brombert (2004) fala sobre os adjetivos que classificam o ser herói. Segundo o autor, seria um deus? Semideus? Ou pessoas com sentimentos e fadadas a erros?. O ser herói na antiguidade era mensurado como figuras lendárias, míticas, dotadas de bravura e poderes que iam além das forças humanas.

O anti-herói está alicerçado em condições específicas em que os classifica como algo desprezível e sem bravura, tão pouco honrado. “Anti-herói é amiúde um agitador e um perturbador” (BROMBERT, 2004, p, 15).

Ualalapi em fragmentos do fim (2) narra os momentos em que Ngungunhane, passara com a filha de Mputa. Domia jurara vingar-se do pai assassinado injustamente a mando do régulo. Ngungunhane a possuiu rasgando seus andrajos de maneira descontrolada, cedente de desejo e raiva. Essa passagem faz menção ao ímpeto do nguni que não media esforços para conseguir satisfazer seus desejos.

O anti-herói no sentido comum da palavra é o inverso do herói, desprovido de bravura, honra moral e de feitos grandiosos. Carrega consigo o inverso do bem, mas por sua vez se assemelha naturalmente ao homem, um ser dotado falhas e imperfeições.

Ngungunhane foi um imperador que cometeu várias erros, mas que também manteve seu império firme, mesmo à custa da dor e do sofrimento de muitas etnias. Contudo é preciso entendê-lo como um ser que buscava o poder e à medida que o ganhava, estabelecia novas estratégias para fortalecê-lo. O que se pretende para com a análise da obra *Ualalapi* é mostrar aos leitores que o nguni não era um salvador, nem alguém que lutou em defesa do povo moçambicano como enfatizou Samora Machel e sim um ser que exerceu um papel político, econômico e social, visava também seus próprios interesses.

7- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1983 o governo moçambicano de Samora Machel realizou campanhas em prol da figura mítica de Ngungunhane, que reinou nas terras de Gaza durante onze anos de governo (1884-1895) lutando contra os domínios da colonização portuguesa. Com a conquista da independência de Moçambique em 1974 houve posteriormente investida em produzir o mito de herói nacional em que nguni era colocado como alguém que representava todo o povo moçambicano no sentido de se fazer herói nacional.

No dia 15 de julho de 1985 em meio às comemorações do décimo aniversário de independência de Moçambique, os restos mortais de Ngungunhane (1850-1906), chegou a Moçambique em uma urna funerária de madeira. A cerimônia honrava a memória e os atos heroicos do nguni.

Dois anos após as comemorações com a vinda do que seria os restos mortais de Ngungunhana para Moçambique foi publicada a obra literária *Ualalapi*

(1987) surgindo para confrontar as alegações afirmadas por Samora Machel. Romance pós-colonial em que o autor (Francisco Esaú Cossa) narra a ascensão e queda do último imperador de Gaza bem como de um nguni tirano, o qual não media esforços para realizar seus objetivos, chegando a massacrar e subjugar povos e etnias diversas na busca incessante pelo firmamento de um poder supremo.

Ualalapi é sem dúvida uma obra significativa para desmistificar a figura de herói nacional criada por Samora Machel. HUTCHEON (1947) fala que a ficção na era pós-moderna têm o objetivo de remontar, reescrever o passado e revelar o presente em uma tentativa de impedir conclusões absolutas.

As ações de Ngungunhane representam de fato uma unicidade moçambicana de representatividade? Kothe (2000) enfatiza que não se pode achar que as qualidades do ser herói poderá representar toda uma nação.

Nguni estaria também representado como anti-herói? Brombert (2004) enfoca que o ser também pode ser caracterizado como anti-herói, sendo classificado como desprezível e sem bravura, tão pouco honrado.

Em nota do AUTOR na obra *Ualalapi* ratifica-se que Ngungunhane foi um imperador das terras de Gaza na fase última do império. Fala ainda sobre arbitrariedades e ações tiranas em seu reinado desde ascensão ao trono (1884) até os dias finais (1895) em que foi capturando e aprisionado por Mouzinho Albuquerque.

Ngungunhane recebera título de herói nacional moçambicano, mas seus feitos realmente o intitulam e faz jus a sua memória? Para uns de fato ele representa um ser que lutou contra os domínios dos lusos. Outros, contudo contradizem essas afirmações e os concebe como alguém que tiranizou seu reinado. Não seria nguni um ser humano dotado de sentimentos diversos, falhas e defeitos? Um homem que nasceu em meio às disputas de poder e que aprendeu a agir de maneira mais ríspida diante da vida? Ele não seria diferente dos reinos europeus em que também realizavam ações nefastas para a conquista e permanência do poder? Nem herói, nem tirano e sim alguém que fez parte de um período da história conflituosa e cheia de desentendimentos.

É preciso estudar e pesquisar ainda mais sobre a vida de Ngungunhane, pois ainda existem muitos elementos a serem dialogados acerca dessa figura emblemática que ainda causam controvérsias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROMBERT, Victor. **Em louvor de anti-heróis**. São Paulo: Ateliê, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poéticas do pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KHOSA, Ungulani Ba Ka. **Ualalapi**. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. São Paulo: Ática, 2000.

MEMÓRIA GUNGUNHANA: Um herói para Moçambique. Grande reportagem 190, 28 de agosto de 2004. Disponível em: <http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/GungunhanaGR2004.doc>. Acesso em 02 out. 2021.

RAJÃO, Camila Lobato. A história é uma ficção controlada: a FRELIMO e a literatura moçambicana. In: **Anais do Congresso Internacional de Literatura**, UFU. Minas Gerais, p. 2805-2814, ago. 2018. Disponível em <https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547730199.pdf>. Acesso em 04 out 2021.

ROCHA, Denise. Representações históricas e orais de Ngungunhane em *Ualalapi* (1987), de Ungilani Ba Ka Khosa. In: **Revista Literatura em Debate**, v.7, n.13, p.17-33, dez. 2013. Disponível em <revistas.fn.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/viewFile/1083/1686>. Acesso em 02 out.2021.

SANTOS, Gabriela Aparecida dos. “Filho do rei de Portugal”? Considerações sobre o conflito e a prisão de Gungunhana, soberano nguni do Reino de Gaza, em Chaimite, sul de Moçambique, no ano de 1895. In: **Anais do XXVI simpósio nacional de História**. São Paulo, 2011. Disponível em <1300630292_ARQUIVO_XXVISNH-GabrielaAparecidadosSantos.pdf (anpuh.org)>. Acesso em 02 out.2021.